



## Apresentação

Nesta edição da Revista Jesus Histórico e sua Recepção, o Dossiê versa sobre Religião e Cinema no qual os autores convidados discorrem sobre essa relação em filmes de diferentes épocas e de diferentes aspectos. Implica dizer, a leitora e o leitor dos trabalhos apresentados terão ao seu dispor um rico panorama reflexivo em torno do diálogo que se pode estabelecer entre as experiências de fé e a magia das telas. Assim, após ler os artigos do Dossiê, o cinema nunca mais será visto da mesma maneira.

José Petrúcio de Farias Junior desenvolve, em seu artigo, sobre a construção da personagem Hipátia, tal como ela é exibida no filme *Ágora* (2009) com direção do cineasta Alejandro Amenábar. O pesquisador toma como perspectiva a maneira como a narrativa fílmica está ligada às fontes históricas tardo-antigas e às produções literárias para a fabricação de uma personagem e de um passado, marcado, por sua vez, por dissensões religiosas em Alexandria entre o final do século IV e início do século V.

Josué Berlesi e Rafael Hansen oferecem uma pertinente análise de duas obras cinematográficas que giram em torno da temática da ressurreição de Cristo. Uma estadunidense, “Em defesa de Cristo”, e outra de origem italiana, “A investigação”. Os dois autores vão além de uma simples comparação entre as películas e desenvolvem considerações a respeito de como os filmes por eles escolhidos dialogam com a investigação histórica. Ademais, Berlesi e Quinsani sustentaram seu texto em comum na concepção de Cinema-Eco que foi desenvolvida por Sylvie Lindeberg.

Em outro texto de dupla autoria, Paulo Duarte Silva e Clarissa Mattana destacam como, mas últimas décadas, a atuação dos “homens santos” na passagem da Antiguidade à Idade Média vem recebendo considerável atenção por parte dos estudos históricos de tal sorte que é praticamente um ponto pacífico que essa temática alcançou notabilidade mesmo fora da academia. Assim, com o propósito de fomentar o debate nos âmbitos da História Pública e do Ensino de História, os autores compararam os filmes “Simão do Deserto” e “A história de São Patrício” que trazem

santos como protagonistas de suas tramas. Nesse sentido, a análise proposta no artigo toma como ponto de partida as formas como as películas retratam, de um lado, as manifestações de sua santidade e, de outro, as relações estabelecidas entre os santos e os demais representantes da hierarquia clerical.

Gilvan Ventura da Silva e Belchior Monteiro Lima Neto, a partir do filme Agostino d'Ippona, dirigido por Roberto Rossellini e lançado nos cinemas em 1972, ofertam uma reflexão acurada sobre como o bispo de Hipona é enaltecido como um líder eclesiástico comprometido com o diálogo e a tolerância diante dos diversos grupos religiosos que compunham a sociedade norte-africana no final da Antiguidade. Assim, eles ponderam que a imagem de Agostinho em sintonia com as tradições da Igreja, tal como construída pelo cineasta italiano, contribui para o reforço de uma memória edificante e, portanto, heroica acerca de um dos mais renomados autores da Patrística. A fim de demonstrar sua perspectiva, os autores concentram-se na maneira como Rossellini aborda a atuação de Agostinho no contexto do movimento donatista, a mais duradoura e consistente controvérsia religiosa da Igreja africana.

André Leonardo Chevitarese e Lair Amaro dos Santos Faria tomam a, por assim dizer, coincidência do declínio no número de cidadãos estadunidenses que se declararam cristãos, de 2014 em diante, com o aumento do lançamento de filmes com temática bíblica para pensar os subtextos dessa produção cinematográfica. E, apoiando-se no filme Risen, do diretor Kevin Reynolds, ilustram um aspecto pouco discutido e que contribuiu para a disseminação da história e das estórias sobre Jesus: a criação de rumores, boatos e fofocas.

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 2022.

André Leonardo Chevitarese  
Lair Amaro  
Organizadores do dossiê